

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

Anno III

BARCELLOS
11 de março de 1894

Numero 1

PEQUENA CHRONICA

3.º ANNO

Corre veloz o tempo. Ainda não está bem secco o bico com que risquei os linguados da primeira chronica na «Lagrima», e já lá vae um anno. Doze mezes, vinte e quatro vezes que aqui conversei com os seus leitores e com as suas amaveis e gentillissimas leitoras!

Corre veloz o tempo; tão veloz como um sonho de felicidade, tão ligeiro como o fumo que se perde no espaço, tanto ao de leve por sobre a tela esfuminhada das nossas esperanças risonhas, como os sorrisos da mocidade, como o aveludado dos lyrios, como o setim das rosas.

Por isso o devemos aproveitar, porque o tempo é vida, e quem o despreza, quem o abandona, abandona e despreza a vida. Comette um crime. O tempo é saúde, o tempo é dinheiro. E' saúde para quem o sabe aproveitar, não se entregando á moleza e aos gozos faceis, que debilitam e estiolam o organismo; mas no exercicio d'um trabalho, intellectual ou manual, d'onle provem o bem-estar phísico e o bem-estar moral. O ocio não deleita. Aborrece, e é a fonte de todos os vicios. O trabalho deleita, e é a fonte de todas as virtudes e de toda a prosperidade dos individuos e das collectividades.

A «Lagrima», portanto, regozija-se ao entrar no seu terceiro anno de vida; e n'este regozijo, que é um hymno de cumprimentos aos seus leitores e gentillissimas leitoras, está o seu bem-estar moral, porque se lembra que segue aquelle preceito ou aquelle conselho do immortal auctor dos Luziadas:

Porque sempre por via irá direita
Quem do opportuno tempo se aproveita.

Não fez programma. Também o não fará agora. O auctor da Pequena Chronica tambem não tem compromissos, n'este ponto. Disse, durante o anno findo, aquillo que sentia a respeito de cousas e de individuos, e disse-o, senão artisticamente, em periodos feitos a buril, ao menos em linguagem amena, n'esta amenidade soante, que se cõa do coração como um raio de luz atravez das grades d'um presidio.

Porque, o que é a Vida, senão um presidio celular, onde as paixões se fazem dormir o somno cataleptico umas vezes, e outras a insomnia nervosa das sugestões da Realidade?

Mas não pode ninguém alterar a ordem das cou-

sas. E por isto iremos continuando a nossa derrota, olhando a Vida pela feição psychica que melhor nos sugestionar, e d'esse esbatido intimo e pessoal daremos o pallido reflexo aos nossos leitores e leitoras.

«A Lagrima» não quer revolucionar, nem as letras, nem a politica, nem os costumes. Dezeja simplesmente dar um quarto de hora de leitura amena e sugestionante aos seus leitores.

Tem-o feito? Tem-o conseguido?

Pole vangloriar-se que sim, porque a sua tiragem tem augmentado dia a dia, e as suas quatro paginas de typo 8 são, não o quarto de hora de Rabelais, mas o quarto de hora de suavidade, com que as damas gentis da nossa terra dulcificam as agruras da isolante vida provinciana, d'esta vida sensaborona de Barcellos, que não tem distrações para o espirito, nem ramificações de força organica vitalisante para o corpo.

Não é revista politica; não é jornal litterario.

Tem, porem, a feição d'uma miniatura, que, sob o preceito do satyrico latino—«ridendo castigat mores»,—vai acompanhando as evoluções da vida barcelense, rindo em surdina dos dispautes dos ridiculos, e applaudindo em voz alta os melhoramentos moraes e materiaes d'esta terra.

N'esta esteira luminosa, cheia de beijos e de luar, apoiada na benevolencia dos seus leitores, leitoras e amigos, espera continuar por largos annos.

Ao entrar no terceiro, a todos felicita e cumprimenta, não esquecendo os amaveis collegas d'esta villa e de fóra, que a tem distinguido com imerecidos louvores e incitamento.

Z. SARAWAGO

Ha dous annos, n'uma manhã dealhada e dealbante, brumosa e brumorenta do Cavado gemente e sussurrante, saudoso entre suspiros de violetas e cisios de rolva, desprendeuse uma Lagrima scintillante e reverberante, que, em irradiação de vida e em chrystallisação de perolas, foi crescendo, augmentando, desenvolvendo-se até banhar se de luz, luz branda e suave como o sorriso d'uma noiva, luz do coração e luz do espirito, luz captivante e luz sugestionante, todas as almas, quer alentadas d'esperanças cor de rosa, quer abertas ao saudoso subjectivismo do indefinível.

E porque essa «Lagrima» sorria a todos n'um sorriso meigo de creança, e a todos perfumava

n'uma ululação festiva de madresilva, todos a fitaram, todos a amaram, todos a procuraram, todos d'ella ficaram captivos n'uma prisão amorosa de petalas brancas, feitas da luz d'aurora, entretecida pelo amor e pela saudade, amor sorridente dulcificando o amargo da saudade.

E porque essa «Lagrima» tão querida é hoje dos barcellenses, nada mais justo, nada mais natural que ella festeje o seu segundo anniversario, offerecendo ás suas gentis leitoras um formozissimo bouquet recendendo as mais puras essencias da roza e da violeta, bouquet que é um agradecimento e uma promessa, agradecimento nascido do coração, promessa de mais mimos e mais flores.

E já que não pode cultivar flores, com a alma cheia de saudades, uma pobre folha singela como a folha do lyrio, n'um apertado abraço, a vós, queridos amigos, offerece

Porto, 19—2—94.

M. ARIO.

Esposende é uma povoação risonha, regada pelo formoso Cavado e lavada pelo oceano Atlantico, que salta e corre na sua praia branca, farta de gaiivotas e maçaricos—que o diga o José Lopes ou o Vinagre que de vez em quando ali vão á caça.

Tem Esposende notas alegres na sua historia, não fallando nas que encheram a vida do famigerado Melro... nem noutras minudencias...

Uma d'essas notas deve registrar-se.

Quando nasceu el-rei D. Luiz, todas as camaras deram conhecimento ao povo, para que houvesse as costumadas demonstrações de regosijo.

A de Esposende mandou-o fazer por um zelador, que se exprimiu da seguinte forma, depois de chamar a attenção dos habitantes com as palmas do estylo:

—Manda dizer a cambra que a rainha pariu um creango, porisso ponham todos luminairas..

—Mas olhe qu'eu, diz uma mulher do povo, não tenho azeite..

—Pois então ponha pinhas, responde o guarda, ponha pinhas a arder..

Na igreja matriz da mesma villa, prégava um reverendo um sermão de quaresma. No final do discurso, solta as palavras praxistas para o descerramento dos cortinados do altar mór, onde devia apparecer o paço referente ao dia:

—Rasguem-se essas cortinas, e apparecei-nos, Jesus. Rasguem-se essas cortinas...

—Não se rasgam, não, diz alguém, lá do alto, fazendo um gesto desaprovativo, não se rasgam que são do meu compadre Faria Rebello, de Barcellos..

ZETIL.

O sr. A. uza um frack muito assertoado, e um collete sem bolsos. De forma que, só quando lhe lembrou ir ao Centenario e foi a metter a mão nos ditos, a ver se tinha bago, é que viu, com grande pena, que—nem bolsos nem bago.

Mas, o sr. A. tem grandes ideias.

Para fingir que foi ao Porto ver as festas, dirige-se, á chegada de todos os comboios, á estação. Perfilado, um sobretudo no braço como quem vêm de viagem, assalta os amigos e os conhecidos, dizendo-lhes:

—Aquillo é que foram festas! Eu não dormi quasi nada. Muito gozei! Mas estou muito cansado. Adeus. Vou-me deitar.

E lá seguia avenida da estação em fora, campo da feira em fora, como quem vinha do Porto.

Realmente, é esta a melhor maneira de ver festas sem gastar dinheiro...

A noite tinha sido friorenta; tinha entorpecido os nervos ao mais quente. Havia um vento gelante e esmagante. E Manta tinha soffrido este rigor do tempo, no Porto, por occasião das festas henriquinas, não pregando olho em toda a noite, porque não havia camas vagas nos hoteis, para repousar. De manhã veio um sol vivificante, animador! Manta, vencido pelo cansaço e pelo somno, pousa a sua gigantea corporatura n'um dos bancos da Praça Nova. Abriu o guardasol para impedir que os raios do sol molestassem a sua epiderme macia, e depois sentiu uma quentura mais morna, semelhante á de cobertores de lã de camello, e adormece.

D'ahi a alguns minutos, o entregador em Barcellos, da «Voz Publica», que é engraxador de calçado na mesma Praça, dá-lhe palmadinhas nas costas para o acordar. Manta, com uma taxa de somno, julga que está em sua casa na cama, e cuida dar uma volta em frescos lençoes... Mas dá-a no banco... cahindo no chão...

—Aqui tem o guardasol, diz o engraxador. Fugiu com o vento para junto da estatua de D. Pedro, e foi por isso que o acordei. Desculpe.

—Está desculpado; mas para a outra vez não me acorde.

ZETIL.

NOTAS DA QUINZENA

Cá estamos, espirito sereno, riso diamantino nos labios, a cumprimentar os nossos leitores, os amáveis e amabilissimos leitores da Lagrima.

Isto, a proposito do nosso terceiro anniversario.

Realmente, é de uma alegria doce e suavissima para quem peleja n'estes combates inglorios da imprensa, n'uma terra pequena e n'um jornal pe-

A LAGRIMA

quenissimo, minuscuro, tão minuscuro como a intelligencia dos dandys e tão pequeno como a malevola intenção dos *pichenizes*, é doce e é suave, faz lembrar a corôla d'um lyrio e o beijo d'uma virgem, este prazer d'alma, esta idealidade d'espírito, vaga, feita de sonho e d'esperança, ao ver marchar, impavido e sereno, as vélas pandas, enfunadas de vento fresco, o barquinho hilariante do nosso quinzenario, barquinho que é uma aurora onde se despontam, risinhos, os sorrisos da nossa mocidade, e onde as vagas do mar, brancas, muito brancas, se desatam e desnastram em gargalhadas de luz e de sentimentalidade.

A nossa alma fica por aqui, por estas linhas escriptas sob as impressões de momento,—que são as mais sinceras e as mais indeleveis.

Cá vamos, portanto, como um soldado aguerrido, obediente á disciplina, singrando no nosso barquinho—os mares encapelados da critica risonha dos acontecimentos da nossa terra.



A parte litteraria, a subjetividade artistica, que se esbate da luz intima das almas sonhadoras, essa, fica para a «Pequena Chronica».

A quinzena foi muito festil em excentriçadades. Quem deu um grande contingente foram os dandys.

Os nossos leitores conhecem estes bichos, quer dizer, estes especimens, estes pronomes demonstrativos da theoria de Lamarek e Darwin.

Como as festas henriquinas proporcionavam a ida ao Porto, por preços modicos, 440 em terceira classe, os nossos dandys resolveram ir.

A dificuldade estava na maneira como se haviam de tornar salientes, no Porto, n'aquella cidade que não conhece senão o trabalho e a industria, e que, quanto a dandys, só conhece os *pichenizes* da Praça Nova, não os que engraxam botas, mas os seu irmãos, os que deslustram a especie humana.

Porque isto de dandys é assim. Fazem lembrar os engraxadores da Praça Nova. Estes lustram as botas aos freguezes. Os dandys sujam a especie animal a que pertencem.

Mas, vamos á historia.

Os nossos dandys foram. Alguns, já se sabe. Ninguem no Porto os conhecia.

¿Como tornar-se salientes?

Aqui é que a porca torce o rabo.

Um d'elles, na rua de Santo Antonio, vendo passar um grupo de senhoras, dirige-lhes esta amabilidade sonsa:

—V. Ex.^{as} parece que se dirigem para S. Lazaro, talvez para ver passar a familia real para a Bibliotheca...

—Non, monsieur, nons allons faire une promenade.

O dandy, não percebendo, mas julgando que aquillo era um insulto, como quem lhe dizia que era um depenado, diz-lhe arrogantemente:

—Se V. Ex.^{as} julgam que eu sou algum pelintra, enganam-se.

E puxa do fundo do bolso a carteira.

Mas, «ó sorte cruel, ó sorte avessa!»...

Em vez de carteira, sahio-lhe o bolso das calças, roto, e cheio de cotão.



—C' est epatant! exclamaram as damas.

Acharam espantoso! Pois nós achamos simplesmente ridiculo.

Mas, como iamos dizendo, foram os dandys ver as festas. E não só os dandys.

Tambem muita gente.

Do que tiraram grande lucro as casas penhoristas. Estas casas, como toda a gente sabe, são uma especie de Misericordias do povo desgraçado. E' uma Misericordia enforcada. Quem alli vae—enforca-se.

O juro é espantoso, uma uzura. Porem as nossas leis consentem isto, assim como consentem geralmente as casas de toleradas.

As toleradas alugam o corpo. As penhoristas rasgam-no. Quer dizer: são uma especie de abestruzes, que, mettendo a garra, rasgam as carnes e deixam sómente os ossos.

Pois, apezar d'isto, o povo que só pensa em festas e não quer saber de mais nada, corria para ellas como doido. Era uma corrida de touros á desfilada.

A LAGRIMA



Outro assumpto, o Machado.

O Machado é um homem. e este homem é official do juizo. Não é de juizo, é do juizo de direito. E' preciso não confundir.

Como não teve coragem para prender o Relho, que estava bebado, a cahir, mandou chamar força, e convidou dois rapazes a ter conta n'elle, emquanto a força não chegava.

Porem, como o Relho foi preso, o Machado quiz alardear de valentão. Que foi elle quem o prendeu: que foi elle o heróe do dia.

A verdade, porem, não é esta.

Quem prendeu o Relho foi a agua-ardente.

Sonhou Machado n'uma medalha, n'uma commenda... Pobre medalha, que teria de se envergonhar na lapella d'um medroso!

No entanto, o Machado fez assim a conquista:



Que nós não lhe queremos mal.

Pelo contrario, eramos capazes de o felicitar. Mas, quem prendeu o Relho não foi elle. Foi a bebadeira. Tanto não foi elle, e tanto elle é medroso e cagarola, que, ainda depois da força ter chegado á bouça onde Relho estava, Machado não quiz acompanhá-la. Ficou longe, muito longe, no fundo d'uma barreira, até que a força militar o prendeu e algemou.

E só depois de preso e algemado é que o Machado teve coragem para apparecer ao Relho!

Os valentes são sempre prudentes...

A Camara de Barcellos foi ao Porto representar o nosso concelho nas festas henriquinas. Appresentou-se bem. Segundo nos dizem d'aquella cidade, foi muito admirado o estandarte, e não menos a calva luzidia do sr. Leite de Carvalho. Parece até que se tirou uma photographia instantanea das duas preciosidades artisticas.

JOÃO DO MINHO

RAPTO.—O nosso presado correspondente phonographico do Campo de D. Carlos acaba de nos dirigir a seguinte communicação:

«Filho do Major raptado aos Sargentos pelos leões».

Commenta-se o caso.

—O 30 Reis foi ao Porto ver os festejos em honra de D. Henrique.

Para tirar a barriga de fraquezas... almoçou no Lisbonense. Não pagou porque um seu amigo não consentiu. D'ahi a minutos dizia n'um grupo:

—Almoçei bem! Mas custou-me a brincadeira 5:000 reis.

—Como?

—Sim, porque paguei por 10 sugeitos...

D'ahi a pouco foi encontrado 30 Reis, na Ribeira, n'uma tasca reles a tomar um caldo...

Como se desce...

—Como se sabe, alguns vereadores da nossa camara foram ao Porto representar Barcellos nas festas henriquinas.

Quando chegaram á estação compraram bilhetes de 1.^a classe para elles e de 2.^a para o zelador Dias.

Mas, eis que chega o comboio. Grande azafama entre todos por causa de logares.

—E esta, não haver logares de 1.^a!

—A 3.^a, senhores.

Elá foram os srs. vereadores em 3.^a e o zelador Dias em 2.^a...

Que coincidencial..

Tres patricios com dinheiro e muito somno viram-se em pancas para arranjar um cantinho onde pernoitar.

Dormiram portanto a pé... passeiando...

Ao outro dia alguém perguntou-lhes:

—Então, arranjaram?

—Magnifico, responderam, aquillo é que é. Até se via o ceo... Ficamos no hotel das estrellas... lá para cima...